



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

PREFÁCIO

Márcia Marin¹

Prefaciар algo escrito requer um quê para instaurar curiosidade e provocar a vontade de ler, eis nossa tarefa e tentativa.

A Revista Diálogos Interdisciplinares do GEPFIP, como sinal de compromisso com a educação pública e formação docente, e como marca de resistência em tempos em que ‘um amontoado de coisas escritas’ pode ser questionado, reúne e disponibiliza aqui produção acadêmica de qualidade para promover e provocar reflexões, desconstruções e reconstruções em nossas perspectivas e práticas educacionais.

O fio condutor deste número perpassa pela temática da inclusão. Conceito que deve ser pensado no contexto da diversidade, das diferenças que compõem semelhanças, principalmente no tange à exclusão.

Ao precisarmos colocar no centro de debates educacionais temas referentes à inclusão, significa que **há exclusão** e isso não é novidade. Pensemos: responder aos processos próprios de estudantes, que desafiam o padrão homogeneizador da escola tradicionalmente constituída, tornou-se para a educação **mais uma** incumbência a ser executada ou já era uma tarefa que, **desde sempre**, lhe pertencia e não estava sendo exercida? Ou, ainda, onde estavam estudantes que antes **não faziam parte** dos espaços educativos?

Estar presente num determinado espaço físico não configura pertencimento. Se existirem estudantes que estão, de alguma forma, sendo negligenciados em seus direitos de aprendizagem, e que produzem nos docentes a sensação de que ‘era melhor quando eles não estavam aqui’, não adianta, então, ‘estar dentro’ do processo educativo sem fazer parte dele. Mais uma vez é conclamada aqui a escola para todos e de todos, e essa é o que chamamos de uma *boa* escola.

Schaffner e Buswell (1999, p.69, grifos dos autores) apontam que “os princípios da inclusão aplicam-se não somente aos alunos com deficiência ou sob risco, mas a

¹ Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora Titular aposentada do Colégio Pedro II. Pesquisadora do Observatório de Educação Especial e Inclusão Educacional (ObEE) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).





todos os alunos. [...] Todos os defensores da melhoria das escolas para melhor atender às diferentes necessidades dos alunos devem unir-se e reconhecer o princípio de que *as boas escolas são boas escolas para todos os alunos* e, então agir com base nesse princípio”.

Uma boa escola, que é de todos e para todos, sustenta-se pelo princípio da **equidade**. Equidade é fazer diferente para garantir a igualdade de direitos. A diversidade, inerentemente humana, se constitui de diferenças, e para reconhecer e aproveitar o potencial de cada sujeito e responder às suas especificidades, é preciso ser equânime, promover a participação de todos e de cada um no processo educacional, numa relação de iguais com suas diferenças. Tolerância é outra coisa, supõe uma relação de superioridade, não é isso o que buscamos.

A possibilidade de enxergar pela perspectiva do outro, num exercício de alteridade, é um caminho que se constrói pelo **diálogo** estabelecido a partir de múltiplos olhares, essa é a proposta aqui apresentada. Os artigos publicados compõem um mosaico de cores e formas diferentes e, por isso mesmo, constituem uma unidade na diversidade, a ser ampliada e remodelada por cada um que participar de modo dialógico e colaborativo, na busca da garantia da singularidade na pluralidade.

